

ok



129000810



TCC/UNICAMP D289d

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP
INSTITUTO DE ECONOMIA - IE

O DÉFICIT DA BALANÇA COMERCIAL AMERICANA
DOS ANOS 80

Francisco Domingos D'Avila Jr.

Trabalho de Monografia apresentado ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Professor José Pedro Macarini

Campinas, 1993

Agradecimentos:

Gostaria de agradecer principalmente a Jose Pedro Macarini, meu orientador, que de tantas formas me ajudou a terminar este trabalho sempre com dedicação e paciência.

Agradeço também aos Professores Mario Presser, e Otaviano Canuto dos Santos Filho, minha banca, pelo boa vontade demonstrada de analisar este trabalho.

Sumário:

CAPÍTULO 1 Introdução	4
CAPÍTULO 2 - Análise da Produtividade	
2.1.- Introdução	8
2.2. Análise da Produtividade Americana	15
CAPÍTULO 3 - Análise Macroeconomica do Deficit Comercial	
3.1 Introdução	35
3.2 As implicações do déficit Comercial	38
3.2. Diretriz da Política Macroeconômica americana relacionado co o déficit	41
3.4. Como Resolver o déficit Comercial	43
Bibliografia	45

1. INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos da América, saíram da 2ª grande guerra mundial, como o grande vitorioso. Conseguindo ser durante um longo tempo o país que mantinha a hegemonia mundial. No entanto com o passar do tempo, esta posição foi gradativamente sendo ameaçada pelos países da comunidade econômica européia e principalmente pelo Japão.

Esta deterioração da posição econômica dos Estados Unidos é claramente demonstrado pelos principais indicadores econômicos. Apesar de ainda ser dono do maior Produto Interno Bruto mundial, tem-se uma unanimidade que sua economia atual apresenta grandes fragilidades estruturais, colocando a ameaça de que nos próximos anos esta posição consiga ser mantida.

Mais do que isto, outros indicadores mostram que a população dos Estados Unidos sofreu uma perda de qualidade de vida bastante grande, comparando-se com outros países desenvolvidos. O nível salarial dos trabalhadores teve, se não uma estagnação, um aumento de ganho real extremamente baixo, em comparação a outras nações, que conseguiram crescer oferecendo aos trabalhadores aumentos reais de salários.

Por outro lado, Os Estados Unidos também tiveram importantes perdas na participação da produção industrial mundial, e a superação, pelo Japão, de líder mundial na introdução de tecnologias novas.

Todo este mecanismo de deterioração da economia americana teve reflexos também na sua participação no comércio exterior.

Vindo de uma posição de produtor de uma grande parcela da produção de bens exportáveis, hoje tem essa participação drasticamente rebaixada.

Isto encaminha para o objeto principal desta monografia: A aparição de um novo elemento nos anos oitenta da economia americana, qual seja, o aparecimento de um enorme e generalizado déficit comercial. Este novo elemento se iniciou nos anos 70 em determinados setores (automóveis, têxteis e alguns bens eletrônicos de consumo), e desde então vem se alastrado por quase todos os segmentos de produtos (Tabela 1.1) e em relação a quase todos os países. A tabela 1.2, no dá um resumo destas relações com países de diferentes estruturas econômicas, mostrando assim a generalização do déficit comercial.

Tabela 1.1. Saldo Balança Comercial Americana em algumas indústrias (US\$)

	1980	1985
Agricultura	19,6	7,3
Manufaturas em geral	20,7	-104,3
Equipamentos Elétricos	0,9	-19,0
Equip. Transporte	-1,5	-27,9
Produtos Químicos	14,1	9,0
Produtos Têxteis	0,5	-2,2
Prod. Mat. Primário	-6,9	-15,7

Fonte: U.S. Department of Commerce

TABELA 1.2 - Saldo da balança comercial dos Estados Unidos em relação a outros países (US\$ bilhões).

	1980	1986
Japão	-12,0	-58,6
Canadá	-6,6	-23,3
Alemanha	-1,9	-15,6
Brasil	0,3	-3,5
Coreia	0,0	-7,1

Fonte: U.S. Department of Commerce

Mas, o que teria provocado esta grande mudança no resultado do saldo da balança comercial americana: de grandes superávits nos anos pós guerra, para enormes déficits nos anos oitenta ?

Existem duas correntes principais de opiniões sobre o causador disto, a primeira relaciona a incapacidade de competir no mercado externo, com a queda da taxa de aumento da produtividade se comparadas a outros países. Neste sentido podemos classificar 3 períodos do comportamento da produtividade.

Até meados dos anos 60, os Estados Unidos tinham uma taxa de crescimento da produtividade extremamente alta e sustentada, no

período seguinte até a década de 70, já são observados que os aumentos das taxas de produtividade já são bem menores, no entanto nos anos oitenta os Estados Unidos obtêm taxas de aumento de produtividade extremamente baixas, insuficientes para mantêr o padrão de nível da economia.

Esta diminuição da produtividade, significa menores condições de competir externamente, com a consequente instalação de enormes déficits comerciais

No capítulo 2 fazemos uma análise do comportamento das taxas de produtividade da indústria americana, porquê esta queda aconteceu ,e como se dariam os reflexos disto com o comércio exterior.

Uma segunda análise do déficit comercial aponta como sendo as políticas macroeconômicas internas que deram as condições para o aparecimento do déficit. Baseados na perspectiva de que dado o aparecimento de déficits orçamentários houve a necessidade de grandes fluxos de capital externo via aumento da taxa de juros. Isto teve como consequência a valorização do dólar , o qual prejudicaria o desempenho comercial .

No capítulo 3, exploramos estes mecanismos, as medidas tomadas pelas autoridades financeiras e as possíveis soluções para que seja amenizado este problema.

2. ANÁLISE DA PRODUTIVIDADE

2.1 INTRODUÇÃO

Longe de se chegar a um consenso sobre este tema, existe uma grande discussão entre os economistas sobre a forma mais eficaz de medir e interpretar a produtividade de uma economia.

Diga-se de passagem que aumentos da produtividade a primeira vista equivaleria dizer que haveria um aumento do padrão de vida da população e um provável aumento de competitividade em relação a outros mercados menos produtivos.

Será isto uma verdade?. Haveria outros fatores que contribuiriam para alterar o padrão de vida da população e para modificar o potencial de competitividade de uma economia. Nosso intuito é colocar a tona este tipo de discussão.

Numa primeira perspectiva a produtividade é calculada como o quociente do valor total em termos monetários da produção pelo número

de horas-homens necessárias para tal. Porém, podemos citar algumas críticas sobre a confiabilidade deste cálculo, selecionadas a seguir:

1) Se não houvesse alterações na participação dos diversos segmentos da economia, poder-se-ia ter um índice mais preciso, porém dado que existe dentro do sistema econômico mudanças estruturais significativas na participação dos diversos segmentos da economia, existiria um viés causado pela transferência de mão de obra para setores de níveis diferentes de produtividade.

O deslocamento na economia de setores menos produtivos para setores mais produtivos, provocaria o aumento das taxas do cálculo da produtividade geral, do mesmo modo um deslocamento de setores mais produtivos para setores menos produtivos provocariam uma diminuição no cálculo desta taxa.

Essas transfêrencias no entanto não deveriam ser levadas em conta, dado que não existe uma alteração real do nível da produtividade, apenas uma realocação de setores, aumentando ou diminuindo a participação de setores mais ou menos produtivos.

Neste sentido, de fato, verificou-se que houve na economia americana um deslocamento para o setor de serviços oriundo do setor manufatureiro. Ocorre que o setor serviços, dada as suas características, mantêm-se num nível de produtividade menor em relação ao setor de manufaturas. Com esta passagem de trabalhadores do setor manufatureiro para o de serviços, houve uma mudança da mão de obra do setor mais produtivo para um menos produtivo, com isto o calculo da produtividade média americana seria prejudicado, sem que no entanto isto signifique uma

perda de competitividade real do país, mas apenas uma realocação das prioridades.

2) Diferença no significado do conceito de produtividade no setor Serviços. Visto que este setor se comporta de maneira diferenciada do que nos outros setores.

Aumentos de produtividade no setor industrial, seria equivalente a dizer que uma mesma quantidade de horas trabalhadas produziram um aumento no total da produção, e portanto numa possível melhora do nível de vida da população (na medida que isto poderia se traduzir em diminuições no custo da mercadoria).

Diferentemente do setor de serviços, onde um aumento da produtividade não necessariamente se traduzirá num melhor padrão de vida, isto porque haverá em alguns casos uma deterioração do padrão de qualidade do serviço quando do aumento da produtividade.

Por exemplo, se o interior de uma classe de alunos passa a contar com o dobro de estudantes isto se revelará numa duplicação da produtividade média do professor, sem levar em conta que, provavelmente o nível educacional dos estudantes será afetado, e portanto decairá a qualidade do produto ofertado a sociedade

3) Participação do componente financeiro que produz aumentos de produtividade, sem uma contrapartida real. Observa-se dentro da economia americana nos anos 80 uma intensificação de transações que são realizadas apenas no papel, ou seja, transações que não encontram uma contrapartida de aumento da capacidade produtiva ou do produto físico produzido. São exemplos deste tipo de processo: as fusões, compra de

novas empresas, negociações dentro da bolsa de valores, contratos financeiros das mais diferentes espécies, etc.

4) Oscilações cíclicas da economia influenciando no cálculo da produtividade, mas que apenas se traduzem na utilização maior ou menor da capacidade ociosa existente dentro da economia.

Se por exemplo a economia vindo de um ciclo recessivo com uma alta taxa de capacidade ociosa, entra num período de recuperação, haverá um aumento da produção via utilização desta capacidade ociosa. No computo geral haverá uma elevação da produtividade, visto que a produção aumentaria com um mesmo número de trabalhadores, porém não significando que exista um aumento na capacidade de produção de uma hora de trabalho, há apenas uma utilização maior desta hora de trabalho.

Deixando de lado estes problemas quantitativos do cálculo da produtividade, existe a convicção para a maioria dos economistas de que incrementos da produtividade provocariam uma melhoria da posição econômica de um país. Baseados no seguinte princípio:

Se um produto necessita de uma quantidade de horas de trabalho menor (fruto de um aumento da produtividade), isto provavelmente ocasionará uma diminuição do preço de custo final da mercadoria, que poderá ser refletido em 2 situações: aumento do nível geral de salários, decorrente do fato que um trabalhador produzirá mais e portanto terá condições de ganhos maiores e na possibilidade da diminuição do preço final desta mercadoria, fruto do barateamento do custo unitário desta, via diminuição do custo salarial unitário dado que este é medido pelo custo total nominal dos salários, dividido pela produção total. Na medida em que há um

aumento da produção com o mesmo número de horas trabalhadas, obtém-se um diminuição do custo.

Cabe uma observação desta análise, realizada por Magdoff, onde segundo este, aumentos da taxas de produtividade não deveriam ser inegavelmente o principal objetivo de uma nação.

Acompanhando ainda seu raciocínio o autor refuta a idéia geral de que os Estados Unidos, tenha como principal problema a falta de aumentos na taxa de produtividade.

Esta concepção , segundo o autor, seria utilizado pela comunidade empresarial no sentido de dar suporte a sua desenfreada e incessante necessidade de lucros cada vez maiores, colocando o salário dos trabalhadores como o principal culpado dos males da economia americana.

Na verdade, constata-se que os salários nos Estados Unidos tiveram aumentos extremamente menores comparados com as economias desenvolvidas do resto do mundo.

O autor coloca que o aumento da produtividade representado pela diminuição da utilização da força de trabalho em relação ao total geral da produção estaria causando um aumento estrutural da taxa de desemprego dentro da economia, segundo este, dada a grande taxa de desempregados dentro da economia americana, deveria ser dado prioridade a que o aumento da produção se realizasse via diminuição da capacidade ociosa das industrias.

Por outro lado, a pretendida redução do preço final da mercadoria, dado a diminuição do custo da força salarial unitária, não se concretizaria em muitos casos no sistema de produção atual.

No passado este fenômeno tinha uma certa ocorrência dado a estrutura concorrencial existente dentro dos processos econômicos que incentivavam as diminuições dos valores das mercadorias.

No entanto, no momento atual, dado a existência na maioria dos setores, de indústrias monopolísticas, isto quase não se manifesta, dado a quase não existência de concorrência, e portanto, liberdade para a fixação do preços. Assim, diminuições do custo de produção significariam em muitos casos apenas num aumento da taxa de lucro, com a manutenção dos salários reais basicamente constantes.

Segundo sua análise, aumentos da produção deveriam ser conseguidos basicamente via aumentos da utilização da capacidade produtiva ociosa existente dentro da economia.

Cabe a colocação que o autor ignora a existência de um mercado mundial altamente integrado, onde este tipo radical de atitude colocaria em graves apuros a indústria nacional frente a competição internacional.

Porém será que necessariamente só o aumento da produtividade se refletiria na melhor atuação de uma economia ?

Acreditamos que não, existem outros fatores estruturais que afetam este índice entre eles selecionaríamos a melhoria da qualidade dos produtos, o nível da prestação de serviços antes e depois da venda, a rapidez do desenvolvimento de novos produtos, etc.

Isto só seria considerado e quantificado no aumento da produtividade se estas mudanças refletissem em elevações de preço das mercadorias ofertadas, o que não necessariamente acontece, dado que

poderá haver apenas um ganho de penetração no mercado frente a competição de produtos concorrentes.

Ou seja, não poderia ser considerado apenas a produtividade do trabalho como o único indicativo da atuação da economia, existem outros fatores que deverão ser levados em conta para esta avaliação tais como a capacidade de melhorar a qualidade do produto que o tornará mais atraente, as inovações que poderão alterar o perfil do consumidor e neste sentido modificar as necessidades deste (exemplo, um novo produto no mercado pode desviar o consumo de algum outro produto para este, fazendo declinar as vendas do segundo independente do nível de produtividade deste), a velocidade de desenvolvimento do produto, etc.

Acrescenta-se a isto, também, como elemento que colabora na atuação e na penetração no mercado de uma mercadoria, a ênfase dada em setores estratégicos, no sentido de que estes exigem o desenvolvimento de outras indústrias de setores importantes que impulsionam a economia no longo prazo (Exemplo a descoberta da Fibra Óptica abriria a possibilidade da instalação de uma enorme gama de outras indústrias de alta importância para o desenvolvimento tecnológico de uma nação)

Ou seja, sem deixar de levar em conta a produtividade que certamente influencia a atuação produtiva de um país, existe a necessidade de se preocupar com um análise subjetiva de produtividade que englobe alterações na qualidade, flexibilidade, rapidez nas inovações, ênfase em setores estratégicos, etc.

2.2 ANALISE DA PRODUTIVIDADE AMERICANA

**"Para viver bem,
uma nação deve produzir bem" (1)**

Nosso objetivo é entender como os diversos fatores explicativos de alterações da produtividade, e também de outros fatores já mencionados acima, se relacionam com a competitividade de um país dentro de um mercado internacional.

No pós Guerra os EUA eram disparadamente o país de maior renda e capacidade produtiva no mundo, baseado em 5 pilares de sua economia:

1) Havia um extenso mercado interno nos Estados Unidos, protegido pela falta de concorrência externa, propiciado pela incapacidade das indústrias européias e japonesas, tanto porque seus parques industriais estavam destruídos, como pela maior capacidade de fabricação de produtos mais baratos e com maiores qualidades pela indústria americana.

Este quadro propiciava uma capacidade de produção enorme somente para o abastecimento do mercado interno, sem contar ainda com

(1) Extraído de Dertouzos (1989, Made in America)

a possibilidade de exportação dos seus produtos para o mercado externo. Isto propiciava a ocorrência de relevantes ganhos via o uso de economia de escala, que barateava o custo dos produtos.

2) Existência de uma tecnologia bastante superior aos outros países, tanto porque houve uma destruição da maioria dos estabelecimentos científicos no resto do mundo na 2ª guerra, quanto pela maciça contratação de excelentes cientistas que fugiram do conflito para as indústrias americanas.

3) Maior habilitação do empregado americano, através da bem sucedida implantação do ensino de massa, e uma alta taxa de estudantes universitários, principalmente engenheiros e administradores de empresas. Contava então com um alto e bem treinado contingente de pessoal universitário qualificado e de um nível médio especializado necessários para o sucesso das empresas.

4) Uma enorme superioridade de riqueza. Os americanos detinham uma enorme renda nacional, com isso uma pequena porcentagem investida ou poupada deste volume era algo bastante significativo dado o tamanho da base, ou seja, os Estados Unidos poderiam aplicar uma menor porcentagem de sua renda em poupança e investimento em relação a outros países que mesmo assim o volume absoluto resultante seria muito maior que dos outros países.

5) Um contingente administrativo bem treinado especialmente para setores industriais, diferentemente de outras nações que reservavam um parcela significativa de bons administradores para as operações de guerra e com a sustentação de suas colônias.

Cumpre-nos esclarecer que os EUA ainda lideram a produtividade mundial, medida como o quociente entre o valor monetário da produção pelo número de horas trabalhadas necessárias para tal produção. Porém a antiga e absoluta superioridade econômica dos Estados Unidos não existe mais.²

Observa-se que os Estados Unidos vem gradativamente perdendo esta superioridade frente aos seus concorrentes. Nota-se uma decadência gradativa em praticamente todos os setores da economia nos últimos anos, decorrente de alguns fatores principais:

1) A taxa de crescimento da produtividade está sendo inferior se comparado a outras economias, o que nos dá indícios de que seu parque industrial não está conseguindo concorrer com as indústrias de outros países.

2) Outros indicadores da atuação industrial tais como nível de qualidade do produto, prestação de serviços ao consumidor, rapidez no desenvolvimento de novos produtos (que não são tão fáceis de serem quantificados) vem provocando constantes preocupações para a maioria dos economistas. Segundo estes, as companhias americanas não estão acompanhando os países líderes. Neste sentido observa-se a crescente perda de participação mundial de diversos segmentos estratégicos da indústria americana.

- (2) Segundo Hatzopoulos, G. 1988, em uma vigorosa economia a produtividade não deve ser somente alta mas deve ser firmemente elevada, no sentido de que, ela deve constantemente estar incorporando novos processos tecnológicos.

3) O Nível Educacional Americano anteriormente tão superior se comparado as outras nações sofre uma deterioração significativa em comparação a outros países. Aqui colocamos em evidência o excelente nível educacional edificado no Japão, fruto talvez de uma necessidade quase que doentia da juventude de no pós-guerra se reabilitar da vergonha decorrente da perda da 2ª Guerra Mundial, comparando-se com uma juventude americana extremamente consumista, "mimada" e dotada de um grande espírito de divertimento.

Acrescenta-se a isto que o desenvolvimento das telecomunicações, computação, facilidades de transporte e a diminuições das barreiras comerciais propiciaram uma integração bastante grande entre o comércio mundial.

Ou seja o mercado interno que tinha um peso fundamental no planejamento da produção da indústria, dado as dificuldades de se realizar transações externas, cede espaço para a possibilidade bastante acessível de exportação para outro país, do mesmo modo a indústria nacional que essencialmente só se preocupava com as concorrentes do país, começam a sofrer intensa concorrência de competidores internacionais.

Posto isto, acarreta que no passado, para a indústria americana, o enorme potencial de mercado nacional bastava e dava comodidade para o escoamento da produção, ou seja, o mercado era tão grande e sem concorrência externa significativa que a indústria nacional não tinha incentivos e nem necessidades de se preocupar com a sua produtividade, a sua vitalidade estava garantida.

A economia americana que apresentava taxas de crescimento de produtividade de 2,6% ao ano no período (60-68), tem este índice rebaixado para menos de 1% ao ano no período (79-88), chegando a níveis próximo de zero no período (73-79).

Longe de ser esta diminuição um fato diferente das outras economias que também tem taxas decrescentes, (Tabela) no caso americano existe um agravamento nos numeros. Esta taxa inferior a 1% coloca em dúvidas a capacidade de sustentação no nível do padrão de vida de uma nação.

Tabela 1 Comparação entre as taxas de aumento da produtividade de diversos países

	60/68	68/73	73/79	79/86
Paises da Comu- nidade européia	4,4	4,4	2,3	1,5
Japão	8,9	7,7	2,9	3,1
Estados Unidos	2,6	1,3	0,2	0,5

Fonte: OECD (1986)

Há de se acrescentar ainda que nos anos oitenta, nos Estados Unidos uma parcela significativa deste pequeno aumento de produtividade se deu no setor de Manufaturas baseadas em dois pontos principais, citados a seguir, que conseguiram elevar a taxa de produtividade, mas que na verdade não são relevantes no sentido de aumentar capacidade de produção real da economia. (2).

1) Este "crescimento" se realizou com uma estrutura de plantas industriais ineficientes, e através de sacrifícios dos trabalhadores que tiveram uma perda salarial de aproximadamente 10%

2) Basicamente este aumento da Produtividade foi conseguido via utilização de capacidade ociosa, depois de um grande período recessivo. Visto que neste período observa-se um grande período expansionista derivado da Política econômica vigente.

Estudaremos a seguir algumas posições da razão desta diminuição da taxa de produtividade observada nos Estados Unidos.

A taxa de Investimento certamente é um fator que se relaciona com a produtividade, porém não são diretamente proporcionais, ou seja, o investimento pode não resultar diretamente em aumentos de produtividade.

Como se comporta a taxa de investimento nos Estados Unidos ? Ela está num nível razoável ?

Surge aqui uma controvérsia entre os economistas.

Alguns autores como Lester Thurow desvinculam totalmente a taxa de Produtividade real com a taxa de Investimento.

Segundo este, no caso americano boa parte dos investimentos foram realizados baseando-se na expressiva queda do nível salarial americano.

Estes processos não conseguiriam aumentar a produtividade no sentido de que, dado os baixos níveis salariais, os empresários americanos viram-se atraídos por canalizar seus investimentos em processos intensivos em trabalho, ou seja, não haveria incentivos em melhorias na produtividade em setores onde fosse possível conseguir mão de obra barata e em abundância.

Neste sentido não seria viável investir em novos processos intensivos em capital, visto que esta mudança demandaria grande quantidade de gastos em pesquisa, desenvolvimento de novos produtos, adequação com o resto da cadeia produtiva etc. Ao contrário privilegia-se investir em processos que requeiram pouca necessidade de capital, e intensivo uso da mão-de-obra na medida em que esta se encontra com fartura no mercado e com "preços" bastante baixos.

Este fato foi comprovado empiricamente este fato, baseando-se no estudo de 2 setores: Manufaturas e Serviços. (3)

No estudo destes setores não foi verificado esta correlação entre investimento e produtividade. Segundo esta análise no setor de Manufaturas observou-se que houve uma recuperação dos níveis de produtividade após o declínio dos anos setenta, no entanto esta recuperação não

(3) Ferleger, Z. (1990) pag117

foi acompanhada de um significativo aumento da taxa de investimento, que ao contrário até teve uma suave queda.

Em contraposição o setor Serviços que teve taxas de investimentos dobradas neste período apresentou apenas um residual crescimento da produtividade, ou seja, a taxa de crescimento da produtividade poderá apresentar baixos níveis mesmo com aumento significativos da taxa de investimento.

Isto porque é necessário qualificar de como e de que forma o investimento é realizado.

Ou seja, estes autores refutam a idéia de que o incremento na taxa de produtividade esteja ligado ao valor dos investimentos, derivado de que estes na verdade podem ser direcionados tanto para melhorias dos processos produtivos quanto utilizados simplesmente para aumentos das "plantas", ou no mesmo atendimento prestados nos serviços vigentes, conseqüentemente sem nenhuma melhora da produtividade, apenas aumentos diretamente proporcionais da produção ou nos serviços realizados comparados com o aumento do número de trabalhadores.

Ou seja, o que existiria na verdade, seria uma relação entre os níveis salariais da mão de obra com as intenções dos capitalistas de investirem em processos mais ou menos intensivos em capital. A decisão de investir em processos mais intensivos em capital propiciariam aumentos nas taxas de produtividade, e vice versa .

Lou Ferleger (4) concorda com esta análise de Lester Thurow, porém diagnostica uma relação um pouco diferente entre a baixa remuneração salarial e o nível alcançado da taxa de produtividade.

Segundo ele, as indústrias que empregam trabalhadores com níveis salariais menores, trabalham com uma mão de obra com limitadas habilidades técnicas, o que impedem o uso de tecnologia.

Neste sentido como os Estados Unidos vem cada vez mais apresentando um sistema educacional inadequado, fornecendo ao mercado de trabalho uma camada de trabalhadores de baixa capacitação técnica, não haveria possibilidades de serem efetuados investimentos em processos técnicos mais avançados e mais produtivos dado a inexistência de pessoas qualificados para a operação das indústrias.

Há também que ser levado em consideração que nos Estados Unidos houve um aumento importante da quantidade de mão-de-obra não capacitada principalmente causado pela entrada bastante acentuada de imigrantes e da incorporação do trabalho feminino, que provocou o fornecimento de uma vasta multidão de trabalhadores "baratos" e sem qualificações na economia.

O setor serviços, portanto, por contar com uma quantidade maior de trabalhadores não qualificados, não propiciaria incentivos a que os empresários investissem em processos mais intensivos em capital. No setor manufatureiro este problema seria um pouco mais tênue, o que explicaria sua maior taxa de aumento de produtividade em relação ao setor de serviços.

(4) Ferleger, L (1990), Pag 115-123

Os demais países se comportaram de maneira diferenciada com relação a política salarial, propiciando aumentos constantes de salários, com isto dá-se incentivos para investimentos em plantas mais produtivas, que utilizam menor quantidade de mão-de-obra, visto o custo excessivo deste.

Uma outra corrente (5) acredita na intensa relação entre a produtividade e a taxa de investimento (considerando-se investimento como um item mais complexo do que somente aumento da capacidade industrial, neste sentido seriam incluídos também como gastos em investimentos, os recursos destinados a pesquisa, desenvolvimento de produtos, vantagens ofertadas a mais para o consumidor e até mesmo uma perda inicial de lucros no início da produção de um bem, etc). Esta relação está baseada principalmente em 2 relações:

1) O investimento de Capital incorpora necessariamente mudanças técnicas que conseqüentemente ampliam a capacidade de produção, assim países onde a taxa de investimento é mais alta tem um "stock" de capital mais moderno e portanto mais produtivo

2) A instalação dos Bens de Capital quando da efetivação do investimento geraria um aprendizado na força de trabalho, que se traduziria em menores custos de produção.

(5) Hastropoulos, G. (1988)

Neste sentido os EUA teriam fracassado no crescimento do nível de produtividade por ter tido um desempenho global decepcionante do investimento.

Isto foi provocado principalmente pelo alto custo do capital dado pela limitada quantidade de crédito na economia americana para o setor manufatureiro, limitação essa ocasionada pela baixa taxa de poupança.

A pouca quantidade de recursos dentro da economia para investimentos é ainda mais crônico, pela existência da concorrência do uso desta no mercado imobiliário e pela facilidade de obtenção de crédito ao consumidor que são prioritariamente canalizadas para o consumo.

Salientando ainda que grande parcela dessa poupança interna só foi possível graças a intensa vinda de capital do mercado externo. Condição esta que se não tivesse existido aumentaria ainda mais o problema americano. (Sobre isto há de ser salientado a enorme instabilidade deste tipo de captação de recursos, vide a crise da dívida externa latino americana no começo dos anos oitenta, o que deveria trazer preocupações com a constante necessidade de adquirir recursos externos, suficientes para a necessidade de investimento da economia americana).

Um terceira relevante análise da queda de produtividade da indústria americana (6) , relaciona esta com a inadequação do sistema industrial vigente da economia americana.

(6) Reich, R. (1983)

Este sistema que era eficaz no pós-guerra, enfatiza a produção de bens de massa e padronizados, produzidos em indústrias de altas economias de escala.

No passado a participação do comércio exterior era bem menos importante, sendo que eram insignificantes os níveis de importações americanos, seja pelas maiores dificuldades de transporte e comunicações ou pela falta de concorrentes externos, do mesmo modo não havia um volume de exportações significativas por parte dos Estados Unidos devido a falta de créditos para os importadores de produtos americanos, como pela alta incidência de tarifas alfandegárias protecionistas.

Neste ambiente de dificuldade de intercâmbio internacional, os EUA eram o único país que detinha um mercado interno extremamente significativo, e com uma alta necessidade de bens de consumo.

Com isso os EUA tiveram um grande êxito nas suas indústrias na medida em que contruíram um parque industrial extremamente adequado a estruturação econômica existente.

Indústrias de alta produção, aproveitavam-se das economias de escalas e produziam bens cada vez mais baratos e em maior quantidade. Os outros países além de não contarem com uma estrutura tecnológica compatível, careciam de mercados consumidores aptos a absorver uma produção em alta escala.

Com o passar dos anos, observa-se que há uma modificação em vários aspectos dentro da estrutura da economia, primeiro começa a existir uma facilidade para a transferência de tecnologia para países pouco

desenvolvidos. Estes podem comprar facilmente os mais modernos bens de capital, necessários para a produção de bens de consumo, existentes no mercado. Conseguem também facilmente assistência e treinamento.

Os canais de venda e comercialização por sua vez são cada vez mais globalizados e interligados, propiciando a possibilidade de realizar etapas de produção de bens padronizados em diversas localidades, beneficiados pelas novas tecnologias de transporte e comunicações.

Ou seja, o globo se torna interligado, não se dando muita importância ao local de fabricação destes bens de massa, mas sim na capacidade de produzi-lo mais barato, nesse sentido os custos salariais são de extrema importância para este tipo de bens.

Isto cria condições favoráveis destes produtos serem produzidos em países do terceiro mundo, baseados em três premissas principais: estes países contam com um contingente populacional satisfeito em ganhar salários menores, possuem geralmente acessos facilitados a matéria prima (visto que na maioria são grandes produtores), e possuem um mercado consumidor altamente considerável para os bens de massa, dado a carência de posse destes por grande parte da população.

Neste sentido, os Estados Unidos sofrem, com problemas de produtividade, na medida em que insiste em privilegiar a produção neste tipo de bens.

Com um índice de salários mais altos do que os países em desenvolvimento, e um mercado mais exigente no que se refere a qualidade e diversificação de produtos (na medida em que maioria da população já possui bens de consumo dos mais variados possíveis tais como televisão,

micro-ondas, freezer, computador, etc). Este público consumidor clama cada vez mais por produtos especializados e específicos para cada indivíduo, inadequados com a ênfase dada a estrutura produtiva da indústria americana .

Conclui-se então, segundo a análise realizada por Reich(7), que a prioridade no processo produtivo, dos países desenvolvidos, deve se basear no sistema definido por ele como Sistema Flexível e que atente para a diversificação e atendimento das necessidades específicas de cada indivíduo.

Neste sentido haveria a necessidade dos países desenvolvidos concentrarem seus esforços produtivos em três tipos de produtos que fugiriam da concorrência exercida pelos baixos salários dos países em desenvolvimento. São eles: Produtos de Precisão, Produtos sob Medida e Produtos Impulsionados pela Tecnologia.

Produtos de Precisão seriam poupados da concorrência de países de baixos salários na medida em que estes necessitam de mão de obra altamente especializada, bem como, uma integração das etapas de produção em um mesmo local.

Produtos sob medida: São produtos fabricados conforme especificações dos clientes, produzidos em quantidades pequenas e dependentes da habilidade e conhecimentos de seus projetistas, fabricantes e vendedores dada a especificidade de cada encomenda. Esta necessidade

(7) Reich, R. (1983) pag 143-170

de constantes alterações do produto final definidas pelo consumidor impedem a concorrência em países com estruturas fixas de produção, baseadas em processos mecânicos e automáticos de produção.

Produtos impulsionados pela Tecnologia: São produtos dependentes de tecnologia, em constantes avanços técnicos. Nestes produtos onde os processos produtivos são constantemente alterados, tira-se do mercado indústrias baseadas na alta produção, na medida em que no momento que esta é alcançada, o produto já está ultrapassado, sendo desperdiçado todo o capital investido

O fato é que os EUA não estão produzindo como deveria estar, produtos americanos estão ficando inferiores em termos de qualidade em relação a outras nações.

Existe esta inferioridade tanto em Bens de Consumo como Carros e Roupas, que já conhecem um mercado selecionado, exigente na diversificação, como em Bens Industriais tipo aço e Chips Semicondutores.

Fabricas americanas são arrasadas, a força de Trabalho se apresenta indiferente e mau treinada, a tecnologia americana que se beneficiava das economias de escala, para produzir mais, não se adaptam a um novo mundo onde o serviço prestado tem que ser diferenciado para cada tipo de cliente, inovações tem que ser rapidamente introduzidas quando há mudança da necessidade do consumidor.

Na tentativa de qualificar melhor esta "decadência" da indústria americana foi realizado um complexo estudo setorizado da industria americana, (8) tentando isolar possíveis influencias conjunturais existentes

e realmente avaliar o fôlego dos setores estudados, como uma aproximação da saúde geral da indústria americana.

Estudou-se 7 setores procurando-se avaliar o sistema de produção como um todo, dando atenção a: organização da Planta, Condições dos Equipamentos, Relação dos Trabalhadores com os executivos, a qualidade do desenvolvimento de novos produtos, o comportamento da produção, a relação com o mercado e a eficiência dos serviços que dão suporte aos produtos.

Procuraremos aqui relatar um breve resumo das condições destes 7 setores:

Semicondutores, Computadores e Copiadoras: Todos os avanços científicos destes setores se iniciaram nos Estados Unidos, o transistor, o chip semicondutor, computadores, etc. Porém a participação americana cai de 60% para 40% do total mundial em apenas uma década. Inicialmente as firmas americanas tiveram o domínio quase absoluto da tecnologia até então empregada, porém nesse setor os produtos se tornam rapidamente obsoletos e por consequência existia a necessidade de grandes fundos de investimentos inexistentes nos EUA. A indústria, descapitalizada, necessitou realizar a exportação de conhecimento para outros países que souberam aproveitar e aprimorar os equipamentos.

Aviões Comerciais: A indústria cresceu com o suporte do setor militar americano, além de poder contar com um mercado interno

(8) Dertouzou, M. (1989)

extremamente alto. Neste ambiente a produção americana situava-se num patamar bastante privilegiado em relação aos concorrentes.

Pórem a concorrência de outros países como França e Alemanha se tornou bastante significativa nos últimos anos. Estes, organizaram em um bem montado sistema estatal de produção de aviões, com altos e insistentes investimentos.

Esta indústria sofreu um desgaste nos Estados Unidos com os novos padrões tecnológicos que fizeram a antiga vinculação entre a aviação civil e militar desaparecer. Hoje o principal produto americano o "Boeing" encara uma concorrência significativa do "Airbus", produto fabricado pela associação de três países europeus, e que cada vez mais vem ameaçando o produto americano.

Bens Consumo Eletrônicos: Houve sucessivamente uma retração da indústria americana neste setor: Em 1955, 96% do consumo de rádios era fabricado nos Estados Unidos, em 1975 quase todo o consumo de radios é de procedência estrangeira. A Televisão que movimenta 22% do consumo deste setor conta com somente um produtor americano responsável por somente 15 % do mercado interno.

O vídeo-cassete era patente de uma empresa americana, porém ela foi incapaz de aplicar recursos na engenharia e produção para abaixar os custos e dar possibilidades do público adquirir o produto. Os produtores estrangeiros foram mais eficientes e foram capazes de dominar o mercado.

Esta perda na indústria de consumo eletrônico da indústria americana, juntamente com a perda de produção da indústria automotiva

tiveram reflexos negativos encadeados, na medida que a falta de uma boa estrutura produtiva destes segmentos prejudicou a viabilidade da instalação da indústria nascente de r obos, dado o pouco volume da produção.

A o: A ind ustria americana já foi a maior, mais moderna e mais eficiente do mundo, Porem de 1975 a 1985 sofre um tremendo declínio de seus produtos, perdendo mercados e diminuindo sua produção.

Os americanos falharam ao não terem incorporados novas tecnologias que foram implantadas em outras partes do mundo. Além disso ressalta-se a demora na implantação de novas plantas, fruto de uma burocratização excessiva, e a intensa força dos sindicatos trabalhistas que conseguiram diversas concessões como aumentos salariais, benefícios, e regras de trabalho, que diminuiram a capacidade de investimento dos empresários.

Ind ustria Química: Apresenta um dos segmentos de maior sucesso na ind ustria americana atual, dando uma grande enf se a pesquisa e aprendizagem. P rem 25% destas indústrias pertecem a companhias estrangeiras que se instalaram nos Estados Unidos aproveitando-se do grande mercado consumidor. Além disso acrescenta-se que atualmente as três maiores indústrias deste segmento (Bayer, Basf e Hoechst) são companhias alemãs.

Ind ustria Têxtil: Esta ind ustria estava historicamente ligada a necessidade de baixos salários como fator de sucesso, porém esta relação hoje não e mais válida. (9)

(9) Os Estados Unidos tiveram um grandioso crescimento de suas importações de

As indústrias alemãs tiveram uma bem sucedida modernização, conseguindo taxas de produtividades acumulada de 24 % de 1980 a 1986. De uma bem dotada mão de obra especializada para conseguir operar máquinas sofisticadas e assim auferir ganhos na produtividade. Além disto se especializou em alguns segmentos no ramo têxtil fugindo da concorrência dos produtos mais simples que enfrentavam maiores concorrências dos países de baixos salários. Confirmando o aparecimento de uma nova estratégia: "Uma boa firma não é aquela que paga baixos salários mas é aquela que obtêm produtividade suficiente para pagar altos salários."(10)

Indústria Automobilística: A produção de massa de automóveis foi inventada nos Estados Unidos tornando-se a maior indústria. Isto propiciava um enorme encadeamento do desenvolvimento de toda uma cadeia produtiva: aço, borracha, alumínio, etc. Hoje os Estados Unidos obtêm somente a Terceira Produção mundial. Explica-se essa perda pela visão e sucesso dos países asiáticos, que prevendo os efeitos da crise do petróleo, mudaram a produção para carros pequenos e mais economicos, compatíveis com a nova demanda mundial.

Maquinas Ferramentas: Segmento ligado a instalação de indústrias de manufaturas. Em 1964, os Estados Unidos eram exportadores de um grande volume destes bens, em 1986, importava mais de 50% das

1963 para 1990 em comparação com a Alemanha que passou a ser o terceiro maior exportador de têxteis apesar do salário pago na Alemanha ser bem superior ao salário americano.

(10) Dertouzou, M. (1989), pag 17

suas necessidades. Isto se deu dado a extrema fragmentação da indústria americana, composta de pequenas indústrias que não possuíam uma infraestrutura para se adaptarem as novas demandas neste segmento. Ao contrário dos seus concorrentes que contaram com uma estruturação mais articulada de suas indústrias com a ajuda dos governos, que propiciaram a especialização destas em alguns segmentos, priorizando em poucos itens os seus esforços e assim obtendo vantagens neste.

3. ANÁLISE MACROECONÔMICA DO DÉFICIT COMERCIAL

3.1 INTRODUÇÃO

No capítulo anterior, concluímos que a queda do aumento da taxa de produtividade da indústria americana comparada a outras nações é o fator que condicionou a perda da capacidade de concorrência dos produtos americanos no mercado internacional, provocando com isto, os altos números do déficit da balança comercial americana nos anos oitenta.

Neste capítulo procuraremos mostrar que existem outras análises explicativas para este déficit, estas análises privilegiam o argumento de que políticas macroeconômicas tomadas pelos "Policy Makers" americanos, tomadas a nível de política econômica interna, provocaram este déficit na balança comercial americana.

Nesta linha de raciocínio a queda das taxas de aumento da produtividade, seria um fator importante dentro do contexto econômico, porém no caso americano, existiria uma total desvinculação deste elemento com a necessidade de melhorar a competitividade internacional. Isto porque, na verdade existiam outros problemas da economia americana como o deficit orçamentário, que provocariam este déficit.

Isto porque, se este elemento estivesse equilibrado a perda de produtividade teria apenas como consequência a desvalorização do

dolár, que compensaria a menor taxa de produtividade (este mecanismo e explicitado melhor mais adiante).

Primeiramente realizaremos uma análise de todos os fatores macroeconômicos em uma economia que poderiam influenciar os resultados na balança comercial de uma nação.

Um primeiro ponto, estaria relacionado com os diferenciais de níveis de renda dos diferentes países.

Neste conceito, políticas macroeconômicas poderiam criar condições para aumentar os níveis de renda da população. Isto criaria condições de serem elevados os níveis de consumo, neste sentido, dado possíveis limitações no mercado interno, isto teria que ser sanado por um volume de importações bastante significativo, inversamente dado este grande potencial do mercado interno, os produtores nacionais não se sentiriam incentivados a realização de exportações dado que o mercado interno teria condições de absorver uma enorme quantidade de bens e serviços. Isto teria efeitos no sentido da criação ou do agravamento do déficit comercial.

Inversamente, políticas macroeconomicas recessivas que diminuem o nível geral da renda interna, provocariam diminuições no mercado interno, e a menor possibilidade da realização de importações. Paralelamente esta perda de poder de consumo da população em geral criaria incentivos para que fosse aumentada a quantidade de produtos exportados. Isto provocaria claramente uma melhoria na balança comercial.

Um segundo ponto se refere ao nível da taxa de cambio fixada ou induzidas por políticas macroeconômicas internas.

Incentivos para desvalorizações cambiais provocariam uma melhoria de preços dos produtos nacionais no mercado internacional. Na medida em que o preço de uma mercadoria cotada em moeda nacional, seria colocado no exterior por um nível de preço mais baixo, (dado a desvalorização da moeda nacional), incentivando a venda da produção nacional.

Da mesma forma esta desvalorização provocaria aumento de preços das mercadorias importadas, diminuindo o incentivo para a compra destes, com a diminuição consequente das importações, tendo estes dois elementos uma participação positiva no nível da balança comercial. Por outro lado, uma valorização cambial, pelo processo inverso, provocaria desvantagens na balança comercial.

Nota-se que apesar de processos cambiais alterarem os preços relativos dos produtos comercializados externamente, existe a necessidade de mencionar que alguns produtos são inelásticos a variação do preço, neste sentido estes itens ficariam imunes a variações cambiais, apenas significando uma perda dos preços relativos.

Ainda marginalmente, podemos considerar como elemento que podem afetar a balança comercial, medidas de proteção do mercado interno estabelecidas pelo governos, tais como sobre-taxas, tetos máximo de importações, reservas de mercado, etc.

3.2. AS IMPLICAÇÕES DO DÉFICIT COMERCIAL

A economia americana foi invadida na década de 80 pela concorrência de produtos estrangeiros, que provocaram o aparecimento de déficits comerciais gigantescos.

Existe a necessidade de se atentar para este fato. Porém, alguns autores (11) afirmam que o problema do déficit comercial americano nos anos oitenta, tão apregoado com o problema geral da economia, na verdade não são tão preocupantes.

Neste sentido, não seriam nem os responsáveis por possíveis diminuições da demanda de trabalho no mercado interno americano (fruto de que parte do consumo interno seja realizado por produtos fabricados com mão-de-obra no exterior, ou seja dando-se empregos para trabalhadores de países diferentes), na medida em que não existiria a possibilidade de aumentar o número de empregos especializados, dado a carência de pessoal especializado. Ou seja, a economia americana nos anos oitenta, já trabalha com níveis bastante altos de colocação de pessoal.

Então porquê a existência de déficits comerciais serem maléfica ?

A resposta é que o deficit comercial traz problemas na medida em que seu financiamento tem que ser feito pela venda constante de ativos

(11) Krugman, P. (1990)

americanos para os estrangeiros, tais como, ações, títulos, bens imóveis e a venda de empresas. (12)

Este volume líquido de "dividas", implica na obrigação de pagamentos de serviços desta, tais como juros, dividendos, aluguéis, etc.

Dado a persistência e elevações dos déficits comerciais, e sua conseqüente necessidade de financiamento, cada vez mais são elevados os "escoadouros" de divisas. Krugman avalia que os Estados Unidos, dado ao tamanho e poderio da sua economia, poderia suportar tranquilamente os custos desta dívida. Porém poderia surgir daí um fator de desestabilização: O risco do tamanho da dívida.

Toda vez que cresce o estoque de dividas americano, esta se torna mais vulnerável e provoca o aumento da desconfiança dos investidores estrangeiros abrindo possibilidades da instalação de uma crise financeira internacional. Ou seja, desde que os investidores acreditem na possibilidade dos Estados Unidos saldarem sua dívida, esta não representaria problema para a economia americana.

(12) Krugman afirma que nos anos 70 os Estados Unidos tinham uma posição bastante confortável de credor internacional de investimentos, em 1981, os Estados Unidos ainda tinham um volume de 141 bilhões em investimentos americanos no exterior, porém em 1985, portanto somente quatro anos depois, houve uma alteração destes fluxos, com o aparecimento de um saldo de 112 bilhões de dólares a favor da entrada de capital estrangeiro. No final de 1989 este saldo se elevaria a aproximadamente a 650 bilhões de dólares).

Isto só seria problemático se começasse um processo de desconfiança sobre esta capacidade, o que traduziria numa corrida dos investidores por resgate da dívida, tornando um caos a economia americana.

"Os custos mensuráveis do deficit comercial, portanto são sérios mas não devastadores. Os riscos são incertos, mas preocupantes. Não existe motivo de pânico com o déficit comercial, mas sua redução faria os americanos a respirarem com mais alívio" (13)

(13) Extraído de Krugman,P. a Era do Conformismo pag 36.

3.3 DIRETRIZ DA POLITICA MACROECÔNOMICA AMERICANA RELACIONADA DO COM O DEFICIT COMERCIAL

Já mencionamos no item 3.1 as possibilidades analisadas de como alterações da política macroeconômica interna, principalmente nível de renda e câmbio, podem influenciar a balança comercial, neste item procuraremos demonstrar, como nesta análise, se daria todo este processo e como isto se relacionou com a economia americana dos anos oitenta.

Antecipando diríamos que a falta de poupança interna, provocado entre outras coisas pelo déficit orçamentário, seria rebatido num aumento das taxas de juros, incentivando a captação de recursos externos, esta entrada maciça de capital provocaria a elevação da moeda americana frente as outras moedas. Com o câmbio valorizado o déficit comercial tende a piorar.

Nos anos oitenta observa-se uma queda bastante significativa dos níveis de poupança nacional, provocado por 2 fatores principais: o déficit orçamentário do governo americano e uma aumento do gasto em consumo da população, provocado pela mudança do comportamento da famílias, dentro de um contexto que fornecia facilidades de se conseguir crédito ao consumidor e da corrente utilização do seguro social e de benefícios de Pensão, que davam proteção ao gasto corrente.

Não houve entretanto um queda significativa dos níveis de investimento, o que significou, dado o baixo nível de poupança interna, a necessidade da obtenção de alguma forma de captação de recursos externos para a realização do financiamento destes investimentos, isto se con-

cretizou através de empréstimos externos, vendas de ativos e ações, etc, que foram beneficiados pelos atrativos da economia americana.

Todo este processo era consequência da economia americana estar consumindo mais do que o nível de sua renda.

Este fluxo positivo de entrada de capital estrangeiro nos Estados Unidos só foi conseguido pela elevação das taxas de juros no mercado interno, isto tornou atraente o mercado de capitais americano para os investidores estrangeiros, com grande fluxo de conversões das outras moedas nacionais em dólar. Todo este processo encaminhou-se para uma elevação bastante alta do dólar principalmente até a metade da década de 80.

Com este processo de elevação do nível do dólar, encareceu-se os produtos americanos, em processos econômicos já explicitados no ítem introdutório deste capítulo. Isto teve como consequência os enormes desequilíbrios na balança comercial.

Isto poderia ser sanado pela expansão da oferta monetária de dólar, suficiente para suportar esse aumento de gasto, no entanto esta medida implicaria no aparecimento de um surto inflacionário (no sentido mais clássico da teoria monetarista).

3.4. COMO RESOLVER O PROBLEMA DO DÉFICIT COMERCIAL

Fica claro que para esta corrente de autores, de que a forma mais eficaz de melhorar o desempenho comercial dos Estados Unidos seria através da desvalorização mais profunda do câmbio do dólar, porém esta desvalorização deveria ser feita de maneira específica.

Já analisamos que algumas medidas tomadas no sentido de desvalorização do dólar, tais como aumento da oferta de dólares, se mostram ineficazes num prazo maior, isto porque esta medida provocaria alta no nível de inflação (dado o aumento da oferta monetária), e portanto aumento de preços dos produtos americanos no mercado externo, anulando-se as possíveis vantagens cambiais.

Existiria também a possibilidade de implantar restrições protecionistas maiores, que restringiriam o nível das importações, no entanto, esse instrumento teria uma eficácia duvidosa, considerando-se que isto implicaria na necessidade de substituição destas importações por aumento da produção interna. Este aumento provocaria, na sua análise, a necessidade da criação de uma enorme demanda de trabalho.

No entanto esta enorme oferta de trabalho não seria acompanhado de um aumento real de pessoas incorporados ao mercado de trabalho, impossibilitando a produção interna e tendo-se que voltar a recorrer ao mercado externo. Isto porque, os Estados Unidos encontram-se hoje com uma quantidade limitada de reserva de desempregados qualificados para trabalharem, o que traria graves problemas na contratação de pessoal.

Mesmo assim, mesmo que isto fosse superado, a incorporação de uma maior quantidade de mão de obra seria de efeito passageiro.

Num primeiro momento esta ação reduziria a taxa de desemprego a um nível bastante baixo, este quadro, seria porém extremamente instável. Esta enorme incorporação de trabalhadores elevaria o nível de consumo, provocando a aceleração do processo inflacionário. Porém dado esta possibilidade as autoridades monetárias tomariam medidas para frear o processo de subida dos preços, elevando as taxas de juros, provocando com isso, por sua vez, a perda de incentivos para vários ramos da atividade econômica.

Resumindo o aumento da quantidade de mão de obra necessárias para produzir os bens anteriormente importados, seriam compensados por dispensa de empregados, principalmente nos setores de construção civil e de serviços, setores estes imunes a alterações nas transações de comércio internacional, e afetados pelas altas de juros.

Portanto a única solução encontrada, seria provocar uma diminuição do déficit orçamentário, abaixando o nível de gasto, e sua consequente necessidade de financiamento, com isso haveria uma redução da taxas de juros internos, e uma menor necessidade de captar recursos externos, havendo assim uma desvalorização do dólar frente a outras moedas, rebatendo na melhoria da condições da balança comercial americana.

BIBLIOGRAFIA

- Ferleger, L. e Mandle, R. (1990) Productivity and Low-Wage Employment in the 1990s in *Socialist Review* Oct/Dec 1990, (p. 115-123)

- Healey, N. e Strobel, F. (1990) The Productivity Miracle of the Reagan-Thatcher years in perspective in *Banca Nazionale del Lavoro Quarterly Review* 175, Dec 1990, (p. 412-429)

- Krugman, P. (1992) Competitividade Econômica: Mitos e Realidades in *Dialogo* V. 25

- Willianson, J. (1991) La productividad y el liderazgo de los Estados Unidos in *Investigacion Economica* No 198, Oct-Dec 1991, (p. 105-138)

- Hatsoupoulos, G.; Krugman P. e Summers, L. (1988) U.S. Competitiveness: Beyond the Trade Déficit in *Science* 15 July 1988, (p. 299-307)

- Destouzos M.; Lester e Solow (1989) *Made in America*

- Marshall, Ray. (1985) *Unhead Voices*